

«Canção de embalar bonequinhas pobres» e «Loas à chuva e ao vento» de Matilde Rosa Araújo

Dois encontros com a tradição lírica popular portuguesa

Ana Cristina Vasconcelos NELA – Núcleo de Estudos Literários e Artísticos da Escola Superior de Educação do Porto

Palavras-chave Poesia Infantil | Análise textual | Matilde Rosa Araújo

Resumo O principal objetivo deste apontamento é revelar a proximidade entre a poesia de Matilde Rosa Araújo e certos modelos da lírica oral tradicional, através da análise de dois poemas inseridos no livro *As Cançõezinhas da Tila* («Canção de embalar bonequinhas pobres» e «Loas à chuva e ao vento»), com especial incidência nas dimensões fónica e semântica.

Keywords Children's Poetry | Textual analysis | Matilde Rosa Araújo

Abstract The main purpose of this note is to reveal the proximity between Matilde Rosa Araújo's poetry and some models of folk lyrical poetry, through the analysis of two poems from *As Cançõezinhas da Tila* («Canção de embalar bonequinhas pobres» and «Loas à chuva e ao vento»), giving special focus to phonic and semantic dimensions.

Canção de embalar bonequinhas pobres

Menina dos olhos doces
Adormece ao meu cantar:
Tenho menina de trapos,
Tenho uma voz de luar...

Os meus braços são a Lua
Quando ela é quarto crescente:
Dorme menina de trapos,
Meu pedacinho de gente.

Dorme minha filha triste,
Meu farrapo de menina,
Dorme, porque eu sou a nuvem
Que te serve de cortina.

Menina dos olhos doces
Adormece ao meu cantar:
Tenho menina de trapos,
Tenho uma voz de luar.

Loas à chuva e ao vento

Chuva, porque cais?
Vento, aonde vais?
Pingue...Pingue...Pingue...
Vu... Vu... Vu...
Que canto tão frio
Que canto tão terno,
O canto da água,
O canto do inverno...
Pingue...

Chuva, porque cais?
Vento, aonde vais?
Pingue...Pingue...Pingue...
Vu... Vu... Vu...
Que triste lamento,
Embora tão terno,
O canto do vento,
O canto do inverno...
Vu...

Ó vento que vais,
Vai devagarinho.
Ó chuva que cais,
Mas cai de mansinho.
Pingue... Pingue...
Vu...Vu...
E os pássaros cantam
E as nuvens levantam!

Muito de mansinho
Em meu coração.
Já não tenho lenha,
Nem tenho carvão...
Pingue... Pingue...
Vu...Vu...

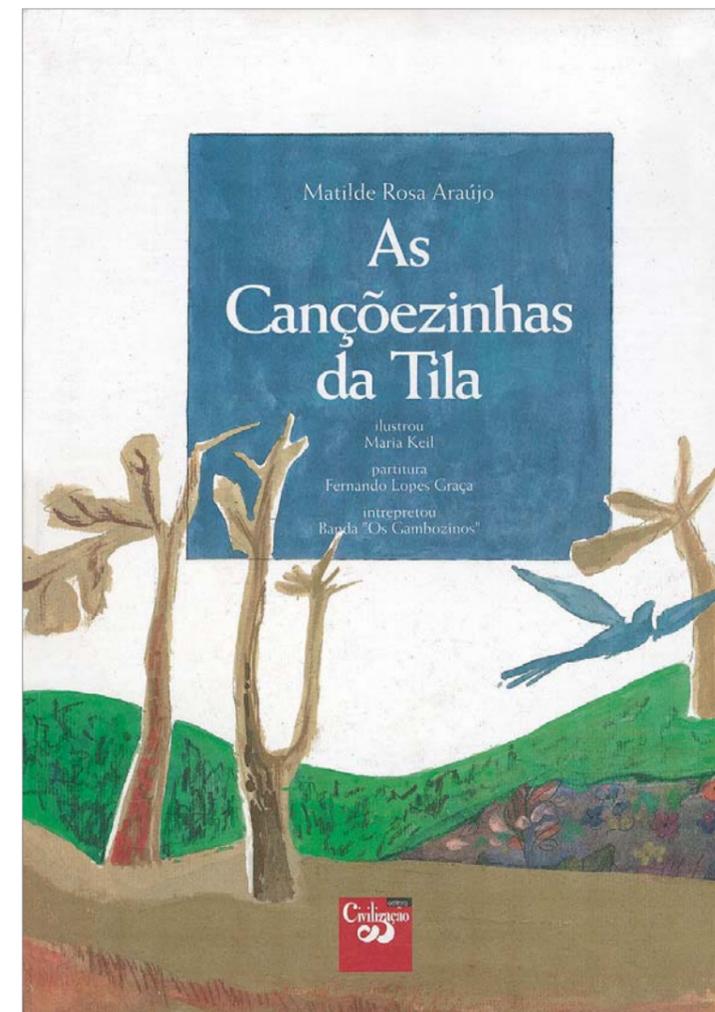
A materialização do jogo intertextual estabelecido pelos poemas de Matilde Rosa Araújo com as produções líricas do património literário oral efetiva-se logo a partir dos títulos dos poemas que constituem *As Cançõezinhas da Tila* (1998) – livro que resultou da musicalização de poemas de *O Livro da Tila*¹, por Fernando Lopes-Graça, e das ilustrações de Maria Keil.

Mas, para além dos títulos que remetem de imediato para essas práticas textuais orais e ancestrais, a estrutura formal (rimas, métrica, simplicidade sintática e lexical, diminutivos e repetições) é igualmente decisiva para identificarmos esse diálogo.

«Canção de embalar bonequinhas pobres», o segundo poema de um conjunto de onze que compõem

o livro *As Cançõezinhas da Tila*, inscreve-se, dentro do universo poético de Matilde Rosa Araújo, num paradigma temático intimamente ligado às canções de berço ou acalantos tradicionais, e que o próprio título – «Canção de embalar» – ativa. Constituído por dezasseis versos heptassilábicos, também designados como redondilha maior, dispostos em quatro quadras, e com uma variedade de ritmos resultante não só deste esquema isométrico, mas também da presença de rimas cruzadas entre o segundo e o quarto versos de cada estrofe («Adormece ao meu cantar: / (...) Tenho uma voz de luar...»; «Quando ela é quarto crescente / (...) Meu pedacinho de gente»; «Meu farrapo de menina / (...) Que te serve de cortina»; «Adormece ao meu cantar / (...) Tenho uma voz de luar»), este poema reenvia, de imediato, no que respeita aos aspetos formais, para essa fórmula ancestral da lírica popular cuja existência literária remonta, segundo Leite de Vasconcelos (1907), e no caso europeu, à Idade Média. «Rimas» (e referim-nos às de origem popular) concebidas para serem entoadas pelas mães que embalam e adormecem os filhos, com uma função específica, portanto, os acalantos apresentam-se como composições monódicas (emitidas por uma só voz – a materna) e melódicas que privilegiam a harmonia tonal através da repetição dos ritmos e dos versos em detrimento de uma elaboração/densidade semântica, pois através da modulação da voz materna e dos ritmos lentos e espriados o bebé sentir-se-á confortado e tranquilizado. Estes aspetos relacionam-se estreitamente com escolhas vocabulares (que vão desde os adjetivos aos diminutivos) que configuram o campo isotópico da ternura e do cuidado maternos e que estabelecem, pela sua conjugação, uma forte ligação entre a criança duplamente embalada e essa voz dolente e mágica que lhe transmite segurança e serenidade, como podemos observar nas segunda e terceira quadras:

Os meus braços são a Lua
Quando ela é quarto crescente:
Dorme menina de trapos,
Meu pedacinho de gente.



Dorme minha filha triste,
Meu farrapo de menina,
Dorme, porque eu sou a nuvem
Que te serve de cortina.

A finalidade da canção de embalar justifica, assim, e como já foi referido, a estrutura rítmica sem sobresaltos, a intencionalidade das escolhas fonológicas, como é o caso do jogo de aliterações estabelecido logo nos dois primeiros versos da primeira quadra, ou seja, uma assinalada presença de sons sibilantes que conferem um tom suave e distendido aos versos conjugados com as assonâncias do /e/, do /i/ e das realizações do /o/ semiaberto e fechado («Menina dos olhos doces / Adormece ao meu cantar»), mas também as aliterações formadas pelas oclusivas surdas /t/ e /p/, pelas oclusivas sonoras /m/ e /n/ e pela constritiva fricativa surda /v/ e constritiva lateral surda // nos dois últimos versos dessa primeira quadra, que se repetirá no final da composição, em forma de estribilho («Tenho menina de trapos, / Tenho uma voz de luar...»). Observa-se, de igual modo, ao longo de